



Esporte e a formação de professores na prevenção de violências e mediação de conflitos escolares

Silvia Christina Madrid Finck* e Nei Alberto Salles Filho

*Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Praça Santos Andrade, 1, 84010-919, Ponta Grossa, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: scmfinck@uol.com.br*

RESUMO. Este artigo relata sobre a parceria do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação (UEPG/PR), com o Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências (NEP/UEPG). Tal parceria contribuiu para a criação da linha de pesquisa 'Educação Física, Esportes e Educação para a Paz: dimensões conceituais, metodológicas e na formação de professores' no Gepefe. O objetivo deste artigo é apresentar reflexões mais específicas da aproximação entre o esporte na perspectiva educacional e a educação física escolar, mediadas pela questão da formação de professores. Ao considerarmos aspectos presentes na discussão sobre a educação para a paz (convivências, conflitos, violências e paz), encontramos especificidades para pensarmos em ações na formação de professores. Este processo emerge pelo fato do Brasil viver um momento esportivo especial, com a realização de eventos internacionais previstos para os próximos anos, ampliando assim a necessidade de reflexões sobre temáticas a respeito de violências e convivências nos esportes, que suscitam reflexões sobre o papel fundamental da educação esportiva na formação de valores de convivência e a discussão sobre a formação de professores em Educação Física para essa realidade.

Palavras-chave: educação, educação física, desporto, formação docente.

Sport and training of teachers on the prevention of violence and school conflicts mediation

ABSTRACT. This article reports on the partnership between the Group of Studies and Research in School Physical Education and Teacher Training (Gepefe/UEPG/CNPq) affiliated with the Graduate Program in Education (UEPG/PR), and the Nucleus of Studies and Teacher Training in Peace and Coexistence Education (NEP/UEPG). This partnership has contributed to the creation of the research line 'Physical Education, Sport and Education for Peace: conceptual, methodological and teacher training dimensions' in Gepefe. The goal of this article is to present more specific ideas for a convergence between the educational perspectives in sport and school physical education, mediated by the issue of teacher training. When considering aspects present in the discussion on the education for peace (coexistence, conflict, violence and peace), we find specifics to consider actions in teacher training. This process emerges as Brazil is experiencing a special moment in sports, with international events planned for the coming years, thereby expanding the need for thematic reflections regarding violence and coexistence in sports. This leads to reflections on the fundamental role of sports education in forming values of coexistence and debating teacher training in physical education for that reality.

Keywords: education, physical education, sport, teacher training.

Introdução¹

A década que se inicia no Brasil, particularmente na área da Educação Física e esportes, prenuncia uma mobilização de inúmeros setores da sociedade no sentido de qualificar as condições de organização e funcionamento do sistema esportivo nacional. A realização de grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo (2014), as Olimpíadas (2016), entre

outros que estarão em órbita aos maiores, e ainda o processo de mobilização e preparação que se faz necessário, indicam que nos próximos anos no Brasil serão efetivados grandes debates que incluem questões como: Qual esporte é necessário ao país? Quais as condições oferecidas às pessoas em relação ao acesso, a participação e permanência no esporte? Qual o papel educacional dos megaeventos esportivos num país que ainda continua com tantos problemas sociais, que mantém níveis educacionais baixos, onde os direitos humanos e a violência são temas ainda difíceis de serem tratados?

¹Este artigo resulta do trabalho apresentado na 5ª Conferência Mundial e 4º Congresso Ibero-Americano sobre violência na escola: investigações, intervenções, avaliações e políticas públicas. O evento foi realizado em abril de 2011, na cidade de Mendoza-Argentina.

As questões apontadas tornam-se ainda mais decisivas ao refletirmos sobre o processo de formação de professores numa década tão importante para redirecionar os olhares e rumos da educação física e esportes no país. Nesse sentido, um alerta nos é apresentado por Neira (2010), que ao analisar os currículos de formação de professores na área, evidencia a ausência de discussões mais profundas, e ainda aponta de forma crítica para a falta de perspectivas mais concretas em relação à formação no trato pedagógico de alguns temas, o autor se posiciona dizendo:

[...] as diferenças que convivem em sala de aula raramente são compreendidas como fruto de experiências socioculturais distintas. Não se verificaram quaisquer citações ao trabalho com as crianças e jovens das classes populares, alunos da Educação de Jovens e Adultos, moradores de favelas, afrodescendentes, indígenas, ribeirinhos, habitantes da zona rural, etc (NEIRA, 2010, p. 87).

Considerando os apontamentos de Neira (2010), seguramente não podemos incluir quase nada sobre reflexões de mecanismos de violências escolares, estudos sobre prevenção de violências e educação para a paz, temas que ainda são muito remotos nos currículos de formação de professores de maneira geral e na educação física. Tais aspectos limitam os professores em relação à elaboração de leituras mais profundas sobre as comunidades nas quais estarão inseridos, em que a maioria acaba ficando no senso comum de reclamar dos ‘problemas’, criando também um despertamento sobre sua função social enquanto educador, faltando, muitas vezes, no caso do professor de Educação Física, um olhar mais ampliado sobre os conhecimentos da área, entre eles sobre o desenvolvimento do esporte na perspectiva educacional.

Sabemos que a educação física e o esporte fazem parte de momentos históricos importantes de muitos países. Frequentemente grandes eventos esportivos propiciam inúmeras situações ligadas à política, economia e mais recentemente ao esporte visto como um ‘produto’ a ser consumido. Algumas vezes, o esporte foi ou é utilizado como ‘ópio’ do povo, em que mascara mazelas sociais, ditaduras e políticas nacionais; em outras é empregado como instrumento de melhoria e desenvolvimento humano, qualificação de serviços, produção de tecnologia, entre outros. Assim sendo, os grandes eventos esportivos requerem sim, uma apreciação cuidadosa e reflexiva, sem cairmos na ingenuidade de que o esporte, ou, ‘qualquer esporte’ em si é educacional, ou profissional, ou social. O esporte pode ser adjetivado apenas se efetivamente for objeto

de reflexões, estudos e discussões, que transformem e humanizem práticas sociais em benefício das pessoas.

Nesse contexto, apresentamos algumas reflexões mais específicas dessa aproximação entre o esporte e a educação física escolar, mediadas pela questão da formação de professores. Tais reflexões são fruto da estruturação da linha de pesquisa ‘Educação Física, Esportes e Educação para a Paz: dimensões conceituais, metodológicas e na formação de professores’, que entre outras fazem parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq), sendo este vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação–Mestrado e Doutorado, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR).

Os pressupostos teóricos que dão o delineamento à referida linha de pesquisa são originários de dois caminhos. O primeiro é o desdobramento de outra linha de pesquisa do Gepefe ‘Transversalidade e Educação Física escolar’, que já tratava das interfaces relacionadas às questões da ética e dos valores humanos no contexto da educação física e formação de professores. O segundo caminho foi a aproximação com os estudos e orientações conceituais do Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências (NEP/UEPG), que traz, em seu processo de trabalho e pesquisa, aprofundamentos conceituais sobre as temáticas dos conflitos, violências e cultura de paz, diretamente relacionados à formação docente.

Destacamos que o primeiro aspecto para a constituição da linha de pesquisa ‘Educação Física, Esportes e Educação para a Paz: dimensões conceituais, metodológicas e na formação de professores’, foi o caráter concreto da articulação entre duas áreas que iniciaram cada qual sua trajetória por caminhos diferentes. O Gepefe teve início a partir das reflexões sobre a educação física escolar e o NEP pela discussão das violências escolares, mas ambos encontram, tanto pelo viés acadêmico quanto pela observação e parceria com a educação básica, uma consistência, que não se pretende apenas teórica, mas com indicativos de intervenção concreta no contexto escolar. É no espaço não ocupado encontrado entre a pesquisa sobre a educação física escolar e a necessidade de abordar adequadamente as questões de violência e não-violência, nas práticas da cultura corporal, no universo escolar, se estrutura a referida linha de pesquisa.

Assim, algumas questões problematizadoras surgem para serem analisadas. Inicialmente, partindo

do senso comum presente na área da Educação Física de que ‘qualquer e toda’ atividade corporal e esportiva são educacionais em si mesmas. Este pensamento generalizado faz com que ainda sejam pouco estudados e pesquisados temas como relações humanas, as convivências, os valores e contextos nos quais estas atividades são desenvolvidas. Existem análises significativas voltadas às ciências sociais que observam aspectos importantes, mas as mesmas ainda são efetivadas nos aspectos sociais ampliados e não nos relacionamentos interpessoais e interdependentes aos contextos. Nesse sentido, ao estabelecermos o estudo para fundamentar a linha de pesquisa em ‘Educação Física, Esporte e Educação para a Paz’, partimos do pressuposto que a mesma inclui as relações humanas e convivências escolares. Para Comellas e Lojo (2009, p. 17):

Las informaciones actuales sobre las dificultades de convivencia em los centros escolares – violencia entre iguales, rechazo a las diferencias propias de la diversidad (cultura, intereses, aprendizaje...)-, exigen, sin más dilación, un análisis em profundidad de lo que pasa, de las razones por las que se producen estas reacciones, de la forma de interpretarlas y de las alternativas educativas que hay que dar como respuesta².

Nesse sentido, nos propusemos ao desenvolvimento da referida linha de pesquisa, a qual explicita de início que as relações interpessoais favorecem processos de socialização de maneira geral e na educação física e esporte em particular. Nessa direção, marcos de convivências refletidos seriamente e balizados em estudos e pesquisas visam proporcionar o reconhecimento das pessoas em suas individualidades e diversidades, possibilitando argumentos mais concretos sobre a importância das atividades da cultura corporal para processos escolares preventivos às violências, pensados à luz da formação de professores.

É fundamental, nesse momento, ao iniciarmos a discussão sobre a paz, ampliarmos o entendimento do termo e seus desdobramentos práticos, assim como afirma Eco (2006, p. 45):

A paz universal é como o desejo da imortalidade, apesar de não ser tão forte, não vemos a possibilidade de satisfazê-lo. É por isso que as promessas de imortalidade foram transferidas, para depois da morte, pelas religiões. A paz, no plano local, em diferentes regiões do globo, seria como o gesto do médico, que sara uma ferida: não uma promessa de

imortalidade, mas pelo menos, uma forma de adiar a morte.

Nas palavras de Eco (2006) encontramos um argumento fundamental relacionado à construção que estamos elaborando, que seria: compreender a justa medida entre a utopia e as possibilidades viáveis de aproximar a discussão da paz na educação física, sem acreditar em paz ingênua, mas em uma construção possível que tenha na discussão sobre violências, conflitos e paz, uma densidade não só acadêmica, mas que também tenha impacto em ações pedagógicas cotidianas.

Aproximando reflexões entre Educação Física e Educação para a Paz

Sobre o campo de estudos da educação física escolar é importante pontuarmos os pressupostos relacionados ao entendimento do que seja, principalmente, educação física e educação física escolar para os pesquisadores do Gepefe. A educação física é entendida como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento que deve cuidar do corpo não como algo mecânico, independente dos demais aspectos, mas na perspectiva de sua relação com os outros sistemas: mental, emocional, estético, religioso entre outros (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Além do contexto ampliado, a educação física escolar pode ser entendida como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício de sua qualidade de vida (BETTI, 1991; BRASIL, 1998). A Educação Física na escola contribui para que o aluno adquira e amplie seus conhecimentos em relação a cultura corporal, pois não podemos deixar de considerar os saberes que os alunos adquirem em outros espaços e trazem para o contexto da escola.

Professores de Educação Física que atuam tanto na escola como em outras instituições educativas pelas ações de políticas públicas, entendendo o esporte como fator sócio-educacional, devem ter clareza em seu trabalho para localizar nos principais eixos temáticos da cultura corporal de movimento (esportes, jogos, ginásticas, danças e lutas) os benefícios humanos e suas possibilidades de utilização como instrumentos de comunicação, expressão, lazer e cultura. Tal intento se daria no sentido de buscar a ampliação e a melhoria das convivências e relações interpessoais, em processos educacionais que potencializam o diálogo, investindo

²Notícias atuais sobre as dificuldades de convivência nos centros escolares - violência entre iguais, rejeição das diferenças próprias da diversidade (cultura, interesses, aprendizagem...), exigem, sem mais demora, uma análise aprofundada sobre o que acontece, as razões pelas quais estas reações ocorrem, a forma de como interpretá-las e as alternativas educacionais a serem dadas como resposta.

na mediação dos conflitos e na construção coletiva de regras, o que num sentido específico, possibilitaria maior autonomia, maior número de relações horizontais, favorecendo ações de não-violência, contribuindo assim para a ideia de uma cultura de paz.

Nesse sentido, apoiamos nossas reflexões encaminhadas por Velázquez Callado (2004, p. 51):

[...] não se trata de investigar absolutamente tudo na Educação Física, mas de destacar aqueles elementos que, por suas próprias características essenciais da área da Educação Física, tendem a se converter num referente básico da Educação para a Paz. Assim, pode ser difícil, por exemplo, abordar conteúdos relacionados com a educação para o desarmamento, mas, pelo contrário, parece uma área privilegiada para trabalhar com assuntos relacionados à regulação de conflitos, relações grupais, habilidades sociais, etc.

Como podemos perceber, há a preocupação na educação física escolar com as questões ampliadas da sociedade, em fazer com que pelos conhecimentos/conteúdos tratados pedagogicamente sejam oferecidas possibilidades de desenvolvimento efetivo para os alunos em todos os aspectos. Nesse sentido, há a necessidade do aprofundamento de alguns conceitos, que nos últimos anos ganharam mais espaço na instituição escolar e na educação física, como violências, convivências e conflitos.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998), os conteúdos da Educação Física são reconhecidos como eixos (conhecimentos sobre o corpo, esportes, jogos, ginásticas, lutas e atividades rítmicas e expressivas), nos quais devem ser localizados os benefícios humanos e suas possibilidades de utilização como instrumentos de comunicação, expressão, lazer e cultura, considerando também aspectos relacionados à corporeidade, à cidadania, à saúde e à qualidade de vida. Novamente aqui vemos a preocupação com aspectos mais ampliados da educação, via educação física.

Ao mesmo tempo concordamos com Barbosa (2010, p. 77) quando diz que:

Acreditar que a relação entre a Educação Física escolar e o corpo já está 'bem resolvida' no campo teórico é, no mínimo, uma ingenuidade, e não significa que o mesmo aconteça no cotidiano escolar. Na verdade, os profissionais de Educação Física que atuam na escola básica continuam a enfrentar desafios em sua prática docente que poderiam ser em parte superados se possuíssem uma base filosófica mais consistente, relativa à discussão sobre o corpo.

Considerando as questões apontadas, até então, sobre Educação Física e Esportes, observamos que, embora a pesquisa, a teoria e o discurso já apresentem avanços e possibilidades, o cotidiano

destas práticas da cultura corporal ainda segue mecanismos balizados por certa reprodução de movimentos estereotipados, vindos do esporte de alto rendimento, sem concretamente apoiar-se na discussão das convivências escolares como fator significativo para mudanças de comportamento e novas aprendizagens. Nesse sentido, concordamos com a análise crítica encaminhada por Jares (2006, p. 15) quando diz:

Toda relação humana implica determinado modelo de convivência que pressupõe determinados valores, formas de organização, sistemas de relação, normas para enfrentar conflitos, formas lingüísticas, modos de expressar os sentimentos, expectativas sociais e educativas, maneiras de exercer o cuidado etc.

Quando o referido autor destaca tal processo, vemos de maneira mais pontual como as relações humanas e os processos de convivências escolares influenciam e são influenciados pelas escolhas que fazemos como professores. No limite, poderíamos dizer que muitas de nossas escolhas, em relação às formas de procedermos em situações de ensino aprendizagem, interferem não apenas em relação à aquisição dos conhecimentos específicos de determinadas áreas do conhecimento, mas condicionam, em grande medida, os modos de nos relacionarmos com os outros, em perspectivas individuais ou coletivas, gerando violências, promovendo a não-violência, buscando convivências mais 'pacíficas'.

Tal reflexão para a Educação Física e Esportes é fundamental para que outras formas de entender estas práticas também sejam possíveis. Como afirma Jares (2006, p. 15), "[...] a aprendizagem da convivência – para sermos mais precisos, de um determinado modelo de convivência – é inerente a qualquer processo educativo".

As reflexões sobre quais seriam as convivências que desejamos buscar para a nossa vida e trabalho, nos aproxima de maneira incisiva de uma das discussões mais presentes hoje nas escolas, a violência. Nessa discussão, o NEP, quando de sua estruturação, observa e segue algumas questões centrais. A primeira delas é o entendimento de cultura de paz, embora conceitualmente várias perspectivas sejam importantes, optamos pelo entendimento básico da Unesco (apud MILANI, 2003, p. 36) que diz:

A cultura da paz se constitui dos valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida, à pessoa humana e à sua dignidade, aos direitos humanos, entendidos em seu conjunto, interdependentes e indissociáveis. Viver em uma cultura de paz significa repudiar todas as formas de

violência, especialmente a cotidiana, e promover os princípios da liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, bem como estimular e compreensão entre os povos e as pessoas.

Entendemos que o conceito de cultura da paz ainda está em construção, carecendo de debate e discussão “[...] que equilibre especificidade e abrangência, consistência e fluidez, bem como aplicabilidade aos inúmeros contextos e realidades” (MILANI, 2003, p. 37). Se o conceito de cultura da paz está sendo constituído, podemos dizer que a educação para a paz, enquanto um possível ramo pedagógico do movimento da cultura de paz, ao mesmo tempo em que faz sua estruturação de conhecimento, já ocasiona discussões no âmbito educacional que lhe dá suporte. Isso fica evidenciado ao analisarmos o que nos diz Milani (2003, p. 39):

No que se refere à escola, a abordagem da Cultura da Paz ressalta diversas necessidades e estratégias: uma relação educador-educando fundamentada no afeto, respeito e diálogo; um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar; implementação de programas de capacitação continuada de professores; aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado do respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono de modelo vigente de competição e individualismo por outro, fundamentado na cooperação e no trabalho conjunto [...].

Podemos observar que a proposta de Milani (2003) está em sintonia com grande parte da discussão educacional brasileira dos últimos anos. Uma educação com perspectiva crítica, dotada de maior possibilidade de autonomia, participação, em que os professores tenham formação de qualidade voltada para o desenvolvimento dos alunos e da sociedade. Nesse sentido, reconhecidamente, a formação continuada de professores tem avançado.

Contudo, também é verdade que esse avanço está voltado mais para a discussão teórica e metodológica das áreas de conhecimento já constituídas e, em menor escala, para as questões relacionadas à violência, paz e conflitos. Parte disso decorre porque existe a percepção de que as áreas específicas podem incluir os temas da violência e paz junto aos conteúdos já constituídos historicamente. Por outro lado, ainda não fica claro para muitos professores por que e como fazer isso em seu trabalho no contexto escolar.

Assim, considerando a dificuldade de perceber essa perspectiva de educação para a paz, podemos entendê-la no contexto que diz:

A tarefa de desnaturalização dos conceitos de paz e de violência é essencial para a construção da cultura de paz. É um trabalho que segue o caminho educativo, passando necessariamente pela escola. Ao mesmo tempo a desnaturalização de nossas representações sobre paz e violência, conduz-nos a entendê-las como noções pedagógicas, enquanto entidades culturais e, portanto, constituídas, ensinadas, aprendidas (GUIMARÃES, 2004, p. 67).

Considerando esta complexidade, podemos objetivar e dizer que a educação para a paz, pensada nas múltiplas realidades das escolas brasileiras, tem a função de discutir violências, paz e conflitos numa perspectiva crítica, criativa e relacionada com a estrutura das relações humanas na vida pessoal e em sociedade. Aqui a ideia de paz é redimensionada das ideias tradicionais da ‘pombinha branca’ ou do ‘ser bonzinho’, para a observação de questões estruturais e culturais que refletem no cotidiano das relações humanas nas escolas e comunidades. Nesse raciocínio, na medida em que fica mais clara a perspectiva da educação para a paz dizemos que:

A questão é o que a educação pode fazer para promover esse tipo de paz como justiça e desenvolvimento? O nosso argumento, retomando o que já vinha sendo discutido pelos teóricos da EP, é que não é suficiente informar sobre as injustiças e desigualdades para se criar uma atitude necessária para superar as injustiças sociais. Mais importante que o que ensinamos é como ensinamos (RABBANI, 2003, p. 77).

É possível acrescentar mais uma palavra ao pensamento de Rabbani (2003), que seria o ‘por que’ de ensinarmos as questões da paz e violências. Acreditamos que a falta de informação dos professores sobre a educação para a paz, é um dos obstáculos para sua proposição na escola. Por isso, insistimos na reflexão sobre o tema na formação de professores. Sobre cultura e educação para a paz, resumidamente, podemos dizer que a paz é o contrário de violência (JARES, 2002) e que “[...] qualquer análise da paz deveria estar vinculada a uma análise da violência” (GALTUNG apud JARES, 2002, p. 124).

Sobre a violência vale destacar que ela se desdobra em diferentes tipos: violência coletiva, com membros de grupos; violência institucional ou estatal, legitimadas no poder; violência estrutural, expressa nas desigualdades; violência cultural, relacionada a etnias e questões ambientais e a violência individual, não organizada, pessoal e direta que ocorre de forma interpessoal (CIIP, 2002).

Nessa direção, Jares (2002) aponta algumas dimensões da paz que merecem registro: a paz afeta diretamente a vida do ser humano; a paz se

caracteriza pela ausência de violências e pela presença da justiça e igualdade; a paz está nos níveis interpessoal, intergrupar, nacional e internacional; a paz é um processo dinâmico. Nesse caminho, o autor aponta para uma ideia chave quando diz que a “[...] paz nega a violência, não os conflitos, que fazem parte da vida”. (JARES, 2002, p. 132).

Ao falar dos conflitos, Jares (2002) diz que eles são inevitáveis na vida em sociedade. Para o autor, os conflitos são situações individuais e ou coletivas em que pessoas ou grupos afirmam valores ou interesses diferentes e divergentes; são ainda importantes na dimensão dialógica da vida, na compreensão de pontos de vista, na afirmação de posicionamentos e no crescimento individual e coletivo; e por fim o conflito é uma das características definidoras da escola, por toda a sua pluralidade e que, portanto, a grande chave está no exercício e na resolução não violenta dos conflitos.

Nesta discussão, enfatizamos que o conflito aparece como dimensão fundamental na reflexão sobre paz e violências, conforme aborda Nunes (2011, p. 16) quando diz:

Na escola, os conflitos se manifestam de diversas formas. Muitos deles compõem o cotidiano dos nossos alunos e se constituem em práticas saudáveis para o desenvolvimento humano, tais como os conflitos nas brincadeiras, nos jogos, nas práticas esportivas, entre outros. Por outro lado, muitos tomam rumos indesejados e transformam-se em agressividades, atos de indisciplina, indiferença, depredação do patrimônio escolar, atitudes de preconceito e discriminação.

Como vemos, o conflito nos dá a clareza da necessidade de uma pedagogia que sugira a paz nos processos humanos, na medida em que é a partir dele que se estruturam as relações de violência e não-violência. Ainda assim, de acordo com a própria afirmação de Nunes, percebemos que muitos conflitos são relacionados às práticas pedagógicas que podem ser classificadas como sendo da área da Educação Física.

Assim, a educação para a paz está nessa lógica do entendimento das violências, na busca da sua compreensão, na clareza dos conflitos geradores e com o processo pedagógico de sua mediação, culminando com a não-violência, ou dito de outra forma, a paz construída coletivamente.

Considerando os aspectos sobre a Educação Física Escolar, incluindo aqui o desenvolvimento do esporte na perspectiva educacional, relacionando-os com aspectos presentes na discussão sobre a educação para a paz (convivências, conflitos, violências e paz), encontramos aspectos específicos

para pensarmos em ações a serem desenvolvidas na formação de professores.

Esporte para o desenvolvimento e a paz na perspectiva da Organização das Nações Unidas - ONU

No sentido de aproximarmos, as reflexões entre esporte e paz, é fundamental destacarmos uma contribuição importante que tem por objetivo encontrar caminhos para o desenvolvimento de ações nessa perspectiva. A mesma é concretizada por de um dos estudos realizados ao longo da última década, o qual se refere à relação entre esporte e a paz, na perspectiva de contribuir na argumentação para o desenvolvimento do esporte nos aspectos educacionais, sociais e políticos.

Dessa forma, retomamos o estudo de documentos oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), buscando a mediação com autores que discutem a questão da educação para a paz, mostrando o potencial dos documentos, e, por outro lado, evidenciando a necessidade de ampliar seu potencial teórico, para que possamos superar a ideia pura e ingênua sobre a paz.

Um documento importante vem da ONU, criado por uma Força Tarefa entre os anos de 2002 e 2003, que contou com a participação de agências internacionais para discutir o esporte no sistema das Nações Unidas. O trabalho denominado de ‘Força Tarefa entre as Agências das Nações Unidas sobre o Esporte para o Desenvolvimento e a Paz’, contou com as seguintes agências da ONU: Organização Internacional do Trabalho (OIT), Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP), Organização Mundial da Saúde (OMS), Voluntários das Nações Unidas (UNV), Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR), Fundo de Emergência das Nações Unidas para as Crianças (Unicef), Escritório das Nações Unidas para o Combate às Drogas e ao Crime (UNODC) e Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV/AIDS (Unids).

A intenção foi reunir e conhecer as diferentes experiências das agências em relação ao esporte. Nesse contexto, a Força Tarefa focou na promoção da utilização coerente do esporte em atividades relacionadas à paz e ao desenvolvimento da humanidade, na perspectiva das Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs), propostas pelas Nações Unidas. Fundamentalmente as MDMs remetem aos aspectos relacionados à valorização e

respeito à vida, o combate à fome e injustiças, diminuição e controle de doenças, cuidado com o meio ambiente dentro de um desenvolvimento sustentável e novas formas de relações humanas, mais éticas, solidárias e não-violentas. O documento produzido pela Força Tarefa foi intitulado 'Esporte para o Desenvolvimento e a Paz: em direção à realização das metas de desenvolvimento do milênio'. O documento da ONU é organizado por temas, todos argumentando em favor do esporte como um elemento privilegiado para o cumprimento das MDMs.

Em linhas gerais, o documento da ONU discute o potencial do esporte como ferramenta para o desenvolvimento e a paz, em que são ressaltados os valores clássicos presentes no esporte, como a cooperação e o respeito. O conceito definido pela Força Tarefa é de que os esportes “[...] são todas as formas de atividades físicas que contribuam para a boa forma física, para o bem-estar mental e para a interação social” (ONU, 2003a, p. 3). Assim, o conceito inclui desde as práticas de brincadeiras e recreação até o esporte organizado, casual e competitivo. Aqui entendemos que para a ONU, vale a ideia de uma cultura corporal, não necessariamente ligada ao rendimento esportivo, mas como ferramenta efetiva de participação social.

Outra perspectiva dos documentos está na relação entre esporte e saúde tratada pelo viés do aumento de doenças não-contagiosas no mundo (cardiovasculares, diabetes, câncer etc.). Além disso, o aumento do sedentarismo e os benefícios do esporte para a saúde e para a economia também são tratados. Nesse aspecto, o documento ressalta uma perspectiva muito difundida nos últimos anos, a importância da atividade corporal como elemento significativo para melhoria da qualidade de vida e prevenção de doenças. Essa dimensão traz a possibilidade de ampliar a necessidade de incluir o esporte e a atividade corporal como elementos prioritários em políticas públicas na área da saúde.

Na sequência do Relatório, explicita-se a relação entre esporte e educação, entendendo o esporte como uma ‘escola para a vida’. Trata-se de um argumento interessante, mas também relativo, na medida em que os valores do esporte podem ser positivos ou negativos, como uma prática humana e social. A discussão ainda reforça o caráter inclusivo do esporte, dando exemplos de sua utilização em campos de refugiados e durante as guerras. Um argumento relevante neste sentido reside na reflexão abaixo:

A educação física é um componente essencial da educação de qualidade e uma parte integral da

aprendizagem por toda a vida. Negligenciar a educação física reduz a qualidade da educação, com futuros impactos negativos na saúde pública e nos orçamentos da saúde. A educação física é a única matéria no currículo escolar que focaliza especificamente o corpo – seus próprios, assim como os dos outros – e os ajuda a lidar com muitos dos desafios enfrentados por jovens, incluindo o risco do HIV/AIDS e outras doenças sexualmente transmitidas e os perigos do tabaco e das drogas. Oferecer aos alunos a oportunidade de praticar esporte na escola assegura de que recebam uma educação completa que trate do corpo, da mente e do espírito (ONU, 2003a, p. 18).

Nessa mesma discussão, cabe inserir argumentos do documento da Unesco (ONU, 2003b, p. 1-2), denominado *Mesa Redonda de Ministros y principales responsables de la educación física y el deporte* e um dos principais argumentos é:

La necesidad de volver a pensar, de renovar y adaptar las políticas y programas de educación física supone que sepamos adaptarnos a la evolución del mundo: las doctrinas de las políticas y programas de educación física y el deporte que se han tomado como modelo han sido concebidas por lo general al finalizar la Segunda Guerra Mundial y ya no son eficaces en el contexto cultural moderno, en el que parece difícil olvidar las diferencias culturales que afectan a los valores, las actitudes y las conductas³.

Este é o aspecto importante dos referidos documentos, argumentar a favor de um novo olhar e posicionamento frente ao universo da Educação Física e dos Esportes. Um universo que amplia a visão do esporte como mera atividade e o coloca como elemento humano potencialmente rico para o mundo do século XXI.

Outro aspecto estabelecido no Relatório da ONU (2003a) trata da percepção do esporte como auxílio ao desenvolvimento sustentável, em que afirma que programas esportivos bem-sucedidos contribuem para a sustentabilidade tanto dos aspectos econômicos como também do meio ambiente. Ressalta, ainda, a importância de estratégias locais e a articulação com propostas regionais, nacionais e internacionais. O documento também discute esporte como desenvolvimento social, relatando experiências em vários países em relação ao apoio de propostas para usuários de drogas, portadores de deficiências e menores

³A necessidade de voltar a pensar, de renovar e adaptar as políticas e os programas de Educação Física significa que sejamos capazes de nos adaptarmos à evolução do mundo: as doutrinas das políticas e programas de Educação Física e Esporte que têm sido seguidas como modelo, concebidas geralmente no final da II Guerra Mundial, não são mais eficazes no contexto cultural moderno, no qual parece difícil ignorar as diferenças culturais que afetam os valores, as atitudes e os comportamentos.

infratores. Aqui, mais uma vez, fica clara a possibilidade de utilização do esporte como ferramenta pedagógica dentro do trabalho com grupos em situação de risco, o que na realidade brasileira tem uma dimensão possível, necessária e urgente.

O Relatório da ONU (2003a) também aborda a questão do esporte e voluntariado, enfatizando-o como sendo um espaço de criação de vínculos favorecedores à participação comunitária. Ao voluntariado somam-se as iniciativas pertinentes na busca pela paz, aspecto analisado adiante. No item relacionado ao esporte e comunicação, o documento destaca a importância do esporte como meio de comunicação universal entre os povos e mobilização social, chamando a atenção da importância da mídia esportiva e dos Organismos Internacionais do Esporte (COI, FIFA etc). Outro ponto a ressaltar é a discussão da relevância do esporte no combate ao HIV/AIDS. Em síntese, são estas as questões básicas propostas no Relatório da Força Tarefa. Vale ressaltar que no referido relatório também são elencadas outras questões ligadas à estruturação de ações, mobilização de parceiros e como suportar estratégias positivas para o desenvolvimento do esporte.

Enfim, destacamos que as questões do Relatório da ONU (2003a) estão permeando, ainda que timidamente, muitos eventos esportivos. Isso foi observado em 'chamadas na televisão' em alguns intervalos dos jogos da Copa do Mundo da África do Sul (2010) onde se fazia menção aos valores do esporte para solidariedade, fraternidade e paz. Outros documentos do Comitê Olímpico Internacional também relacionam o esporte à cultura de paz, mas ainda sem realizar discussões mais profundas deste significado. Nestes espaços, de certa maneira já aceitos, o esporte é evidenciado e relacionado ao desenvolvimento de uma cultura para a paz, mas ainda sem reflexão qualitativa, nesse sentido é que avançamos na efetivação do nosso trabalho pelas ações realizadas junto ao Gepefe e ao NEP.

Na esteira dessa reflexão cabe refletir conjuntamente com Callado (2004, p. 51) quando diz:

A Educação Física para a Paz trata de descobrir o que é, o que pode contribuir para a área da Educação Física na concepção global da educação para a paz, quer dizer, tenta responder quais aspectos da educação para a paz podem ser trabalhados a partir da área de Educação Física. Neste sentido, tendo sempre presente a dimensão interdisciplinar e transversal da educação para a paz, não se trata de

investigar absolutamente tudo na Educação Física, mas de destacar aqueles elementos que, por suas próprias características essenciais na área da Educação Física, tendem a se converter num referente básico da educação para a paz.

Nessa direção, concordamos com Callado (2004) quando evidencia a Educação Física como uma área privilegiada para desenvolver um trabalho relacionado à mediação de conflitos, ao desenvolvimento das relações humanas, das habilidades sociais, entre outros.

Com base nestas reflexões, temos contribuído, por meio das ações realizadas junto ao Gepefe e ao NEP, com o desenvolvimento de experiências e alternativas qualificadas, com intuito de possibilitar discussões mais aprofundadas, sobre conflitos, violências e cultura de paz, diretamente relacionadas à formação docente, buscamos também apontar perspectivas mais concretas em relação à formação no trato pedagógico do esporte na perspectiva de uma educação para a paz.

Considerações finais

Diante das questões discutidas até então, temos a sensação por vezes que a ideia de cultura de paz ou educação para a paz traz de um lado muitas características de senso comum, no sentido de dizer que a paz não merece discussão acadêmica, por exemplo. Por outro lado, ao observarmos o uso da expressão cada vez maior na Educação Física e Esportes, acreditamos que cabe sim uma análise cuidadosa.

Pronunciamos-nos dessa forma ao mesmo tempo em que concordamos com os limites e possibilidades dessa discussão, as quais ficam mais claras com o posicionamento de Bracht (2006, p. 127) quando diz:

Parece-nos evidente que muitas vezes atribui-se um poder ao esporte que extrapola em muito suas possibilidades concretas. As possibilidades de o esporte contribuir para a inclusão social para a melhora da qualidade de vida dessas populações estão diretamente relacionadas com a equação conjunta de uma série de problemas que as mesmas enfrentam no plano dos serviços de saúde, de educação, de transporte, de saneamento etc.

Em nosso caso específico, a construção das reflexões sobre a educação física, esporte e educação para a paz, proposta na aproximação entre Gepefe e NEP já estabelece dimensões iniciais tanto na questão acadêmica direta quanto em ações concretas. Aqui fazemos a citação breve destes desdobramentos. Em relação à produção de conhecimentos, destacamos a apresentação de artigos em eventos científicos e a discussão do tema em palestras e seminários, além da

inclusão de uma disciplina denominada 'Educação Física e Educação para a Paz' no Curso de Especialização em Educação Física Escolar da UEPG/PR, fomentando assim a discussão na formação continuada de professores.

Quanto às ações mais vinculadas ao cotidiano da Educação Básica, durante o ano de 2010, as questões da educação para a paz fizeram parte do projeto 'Praticando Esportes – formando cidadãos', em parceria da UEPG/PR com a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Paraná. O projeto realizado dentro do Programa de Extensão Universitária denominado 'Universidade sem Fronteiras' atuou com crianças em situação de risco nos municípios de Ponta Grossa e Reserva, ambos no Estado do Paraná.

Já no ano de 2011, duas ações concretas levam à reflexão da educação para a paz, para a Educação Física e Esportes, ambas em parceria e financiadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes), ligada ao Governo Federal. Uma delas é a criação de um Laboratório de Ensino de Educação Física Escolar na Universidade Estadual de Ponta Grossa (LAEF/UEPG), cuja linha central tem a questão da educação para a paz e convivências por meio da educação física. O laboratório será utilizado por acadêmicos do Curso de Educação Física e pela comunidade. O outro projeto, voltado à inclusão digital, utilizará das novas tecnologias para a ampliação das reflexões sobre violências e paz no esporte, com a criação de um espaço na internet, com as devidas reflexões. Participarão deste projeto alunos de Ensino Médio da rede pública de Ponta Grossa, além de seus pais, no processo de coeducação entre gerações na perspectiva do esporte e a paz.

Ressaltamos que nas diferentes propostas, os conceitos sobre paz, violências, mediação de conflitos, processos de resiliência, pedagogia de valores e convivências escolares estão sempre em pauta, sendo discutidos em função de mudanças de comportamentos via esporte de acordo com o que argumentamos ao longo deste artigo.

Na discussão proposta buscamos fundamentos para a estruturação da linha de pesquisa 'Educação Física, Esportes e Educação para a Paz: dimensões conceituais, metodológicas e na formação de professores', do Gepefe/UEPG/CNPq. A pesquisa para explicar, entender e sistematizar a própria linha, já é parte do processo de busca pela coerência intrínseca entre pesquisa acadêmica e cotidiana escolar, fundamental para o desenvolvimento da educação e da educação física. A articulação com o NEP/UEPG foi e é fundamental no trabalho colaborativo de fortalecimento conceitual das questões relativas às convivências escolares, mediação de conflitos e da

educação para a paz. Esperamos que este processo leve à qualificação dos olhares e ações da educação física escolar, tanto na produção científica quanto na intervenção pedagógica.

Ao mesmo tempo, reconhecemos o papel da universidade pública brasileira em produzir conhecimento elaborado, porém, deve ter o compromisso de oferecer possibilidades educativas utilizando projetos que sejam benéficos para as comunidades, particularmente em relação ao enfrentamento de uma cultura de violências que avança a passos largos no Brasil nos últimos anos e, que, têm na educação física e esportes, elementos significativos para uma educação em valores, convivências e cultura de paz.

Referências

- BARBOSA, C. L. A. **Educação física e didática**: em diálogo possível e necessário. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRACHT, V. Cultura corporal e esporte escolar: fator de inclusão e desenvolvimento social? In: REZER, R. (Org.). **O fenômeno esportivo**: ensaios crítico-reflexivos. Chapecó: Argos, 2006. p. 123-129.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALLADO, C. V. **Educação para a paz**: promovendo valores humanos na escola através da educação física e dos jogos cooperativos. Santos: Projeto Cooperação, 2004.
- CIIP-Centro Internacional de Investigação e Informação para a Paz/Universidade para a Paz das Nações Unidas. **O estado da paz e a evolução da violência na América Latina**. Tradução Maria Dolores Prades. Campinas: Unicamp, 2002.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COMELLAS, M. J.; LOJO, M. **Un cambio de mirada para abordar y prevenir la violencia en la escuela**. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2009.
- ECO, U. Definições e propósitos da paz e da guerra. In: AHLMARK, P.; POL-DROIT, R.; NUSSEIBEH, S. et al. (Ed.). **Imaginar a paz**. Brasília: Unesco; Paulus, 2006.
- GUIMARÃES, M. **Um novo mundo é possível**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- JARES, X. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- JARES, X. **Pedagogia da convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- MILANI, F. M. Cultura de paz X violências: papel e desafios da escola. In: MILANI, F. M.; JESUS, R. C. D. P. (Ed.). **Cultura da paz**: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: Inpaz, 2003. p. 31-60.
- NEIRA, M. G. Quem estamos formando? Interpretando os currículos de Licenciatura em Educação Física. In:

CORREIA, W. R.; CARREIRA FILHO, D. (Ed.). **Educação física escolar**: docência e cotidiano. Curitiba: CRV, 2010. p. 69-93.

NUNES, A. Z. **Como restaurar a paz nas escolas**: um guia para educadores. São Paulo: Contexto, 2011.

ONU-Organização das Nações Unidas. **Esporte para o desenvolvimento e a paz**: em direção a realização das Metas de Desenvolvimento do Milênio. Nações Unidas, 2003a. Disponível em: <<http://www.pitan.gui.uepg.br/nep/documentos/ESPORTE%20E%20PAZ.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2011.

ONU-Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura. In: MESA REDONDA DE MINISTROS Y PRINCIPALES RESPONSABLES DE LA EDUCACIÓN FÍSICA Y EL DEPORTE. Sede de la

UNESCO, PARÍS 9-10 de enero de 2003b. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001284/128496s.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

VELÁZQUEZ CALLADO, C. **Educação para a paz**: promovendo valores humanos na escola através da educação física e dos jogos cooperativos. Santos: Projeto Cooperação; WAK, 2004.

Received on September 6, 2011.

Accepted on January 18, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.